

Introdução

Shelley Bhoil

Exílio e identidade tibetana

O líder espiritual e político do Tibete, Sua Santidade o Décimo Quarto Dalai Lama, se encontrava em um dilema, um *zugzwang*, diante do avanço imperial da China militarmente fortalecida sobre o Tibete, em 1949. O jovem Dalai Lama ainda cultivava esperanças de uma aliança pacífica com a China durante sua visita a Pequim, em 1955, mas o presidente Mao Tsé-Tung lhe citou o axioma marxista de que “religião é veneno”. A tensão culminou na Revolta Tibetana em 1959, que foi esmagada pelo Exército de Libertação Popular da China. E o Dalai Lama foi forçado a fugir através dos Himalaias, para a Índia, onde estabeleceu o governo tibetano no exílio.

Seguiu-se, por um lado, uma destruição em larga escala de mosteiros e escrituras budistas no Tibete, e, de outro, a reconstrução do patrimônio cultural do Tibete sob a liderança do Dalai Lama no exílio. Rotulado como a “terra proibida” dos lamas durante a era vitoriana no mundo ocidental, o Tibete tornou-se mais proibido do que nunca: durante a Revolução Cultural nas décadas de 1960 e 1970, o estado chinês fechou o Tibete aos turistas, à mídia internacional, e aos próprios tibetanos em ambos os lados da fronteira dos Himalaias.

No exílio, o Dalai Lama e os 80.000 refugiados tibetanos que o seguiram foram reverenciados como depósito do conhecimento até então inacessível sobre a nação sem litoral Tibete e sua religião mística. O budismo tibetano passou a ser disseminado ao redor do mundo através do ato da transmissão, transcrição e tradução das escrituras budistas e da fundação de instituições culturais tibetanas. O crescente interesse do mundo ocidental pelo budismo tibetano, aliado às várias

iniciativas do governo tibetano no exílio para preservar sua cultura tradicional que estava sob ameaça no Tibete governado pela China, eventualmente levou à valorização, mas também à romantização extrema da identidade tibetana. O tratamento da espiritualidade etérea que o Tibete continua a receber em suas representações em vários livros e filmes, como *Com Milhões e Sem Carinho* (1960), *O Fio da Navalha* (1984) e *O Sombra* (1994), cria a falsa impressão do Tibete como um lugar irreal e de outro mundo, fazendo assim sua crise política parecer menos urgente.

No entanto, independentemente da esmagadora exotização da identidade tibetana e do esquecimento de sua questão política, a comunidade no exílio sofreu o inevitável fermento cultural através do contato com as nações anfitriãs nas últimas seis décadas, e até mesmo o governo tibetano no exílio se adaptou ao modelo político da democracia. Além disso, o Tibete pré-1959 era predominantemente, mas não monoliticamente religioso e tradicional. Hoje existem quatro gerações de tibetanos nascidos e criados no exílio na Índia, Nepal, Butão e vários países ocidentais, aprendendo novas línguas e vocabulário para articular sua identidade complexa e defender seus direitos políticos. A poesia traduzida nesta edição da *Cadernos de Literatura em Tradução* é precisamente o produto da fermentação cultural dos tibetanos-no-exílio.

Tradução e identidade tibetana

A identidade budista tibetana, como é conhecida hoje, foi fundada, bem como moldada por um projeto leviatã de tradução que começou no Tibete no século VII d.C. O então rei tibetano, Songsten Gampo, enviou seu ministério, liderado por Thonmi Sambhota, para estudar o budismo na sua terra de origem na Índia, de onde a missão trouxe para o Tibete não só a filosofia do budismo, mas também o roteiro de Gupta como linguagem modelo para desenvolver um novo roteiro tibetano. Assim deu início a tarefa de traduzir os preceitos sofisticados do budismo indiano para esta nova linguagem tibetana padronizada, eventualmente levando à formação de uma identidade tibetana em sua totalidade ao longo dos séculos.

A história da tradução no Tibete não apenas demonstra umnexo político e cultural unido entre a atividade da tradução e o discurso de identidade, mas também as habilidades literárias excepcionais adquiridas pelos tibetanos no processo de tradução, bem como catalogação metódica de cerca de 4.500 textos e 73 milhões de palavras do cânone budista indiano para o tibetano. Duas das obras lexicográficas tibetanas – *Mahavyupatti* e *Madhyavyupatti* – criadas no século IX para

padronizar a terminologia com diretrizes para tradutores, ainda estão vigentes na tradição budista tibetana. Muitos textos indianos preciosos, laboriosamente e amorosamente traduzidos para o tibetano, agora só são mantidos vivos através de suas versões tibetanas, que foram ousadamente contrabandeadas pelos tibetanos como suas posses mais queridas durante sua árdua jornada de fuga do Tibete através do nevado Himalaia. Os tibetanos certamente têm uma das histórias de tradução mais impressionantes do mundo e até mesmo um destino maior com a tradução desde seu exílio em 1959, quando passaram a ser traduzidos para línguas mundiais.

Poemas tibetanos em português brasileiro

Embora a literatura tibetana clássica, majoritariamente budista, tenha sido traduzida para a maioria das línguas mundiais, esta edição da *Cadernos de Literatura em Tradução* não só é a primeira tradução da poesia tibetana do exílio para o português brasileiro, como também está entre as primeiras traduções do mundo.

A literatura tibetana secular, incluindo a porção de literatura não religiosa escrita no Tibete pré-1959, dificilmente recebeu atenção dos tradutores por duas razões principais: a expectativa dos leitores de que os tibetanos encarnassem o exótico devido ao seu fascínio pelo budismo tibetano, e o crescimento desaccelerado dos escritos seculares em uma comunidade tibetana predominantemente religiosa no passado e a urgência da comunidade em exílio para preservar sua herança tradicional e religiosa no presente.

Escrever poesia secular para os tibetanos é, portanto, um desvio da tradição; é um ato de coragem de sua parte forjar uma nova tradição literária tibetana que está em sincronia com e fala de suas realidades atuais. E ter esses poemas traduzidos por tradutores brasileiros eruditos (muitos dos quais são escritores estabelecidos, além de acadêmicos) em uma das línguas modernas do mundo e publicados pela revista *Cadernos*, da Universidade de São Paulo, é uma promessa de receptividade e valor.

Os poemas tibetanos selecionados e traduzidos nesta edição abrangem quatro gerações de poetas exilados tibetanos desde Gendun Chopel, o primeiro exilado social do Tibete pré-1959, até jovens poetas exilados como Tenzin Tseyang Gonsar e Tenzin Choezin cujos avós vieram do Tibete. Essas quatro gerações de poetas exilados, que vivem ao redor do mundo, vêm de históricos variados com trajetórias conturbadas – o poeta monge andarilho Gendun Chopel, que escreveu a versão tibetana do *Kama Sutra* indiano (*A Arte do Amor*), foi penalizado e teve um fim trágico devido às suas visões não ortodoxas; o proeminente professor budista

e monge de alto escalão Chögyam Trungpa Rinpoche, que protagonizou uma fuga épica de nove meses do Tibete em 1959, uniu o budismo com a modernidade tornando-se a força por trás do estabelecimento de centros de Shambhala em todo o mundo ocidental; Lhasang Tsering abandonou a escola para se juntar ao movimento de resistência tibetana em Mustang no Nepal e mais tarde retornou à capital do exílio tibetano Dharamshala para servir sua comunidade; Bhuchung D. Sonam, que foi para o exílio quando jovem e nunca reencontrou seus pais, agora dirige uma imprensa independente para promover escritores tibetanos além das fronteiras; o prolífico escritor e professor Tsering Wangmo Dhompa carrega com orgulho o legado de sua falecida mãe, filha de uma liderança e também uma das primeiras mulheres parlamentares tibetanas; o icônico ativista tibetano Tenzin Tsundue cumpriu dezesseis penas de prisão por sua luta pela liberdade do Tibete do exílio; a apresentadora de televisão Tsering Kyi é a primeira mulher tibetana a ser coroada Miss Tibete; o poeta e pintor Tenzing Rigdol (cuja obra encontra-se na capa desta edição) contrabandeou 20.000 kg de solo tibetano para sua instalação em Dharamshala, a capital do exílio dos tibetanos; o jovem poeta Tenzin Choezin serviu o governo do exílio tibetano em várias funções e agora serve a comunidade no Centro de Educação Ativa de Não-Violência; Tenzin Dickie, editor da primeira coleção de histórias tibetanas no exílio está viabilizando o Centro de Recursos Digitais Budista como seu Coordenador de Comunicação; Ten Phun foi uma criança monge que escapou do Tibete e se tornou um rapper e ator; Kalsang Yangzom é um dos poucos jovens acadêmicos tibetanos na Índia; Tenzin Tseyang Gonsar, enfermeira por profissão, é a primeira mulher tibetana a publicar uma coleção de contos em inglês; e Lekey Leidecker, Sonam Tsomo Chashutsang e Chime Lama são alguns dos jovens escritores tibetanos mais promissores da atualidade, com experiências transversais, trabalhando nos campos da literatura e da cultura.

Enraizados, assim, em diversos locais e experiências sociais dos poetas exilados tibetanos, os poemas desta edição da *Cadernos de Literatura em Tradução* são a afirmação da identidade multifacetada dos tibetanos, seja ela secular ou religiosa, política ou apolítica. Tendo sido escrito por quatro gerações de exilados, esses poemas também são lidos como a história versificada da consciência de exílio dos tibetanos e são uma expressão de suas vidas cotidianas não apenas como exilados, mas também como cidadãos globais. E, acima de tudo, estes poemas são um “testemunho da resiliência da identidade tibetana” graças ao seu “sabor singularmente tibetano”, enriquecendo a língua em que são escritos e traduzidos.